

# A escritura autobiografica de Clarice Lispector

Leilane Hardoim Simões<sup>1</sup>  
Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

12

**Resumo:** O livro *Água Viva*, da escritora Clarice Lispector, pode ser lido como uma autoficção, na medida em que ela insere traços de suas circunstâncias pessoais e de vida em sua construção. Tendo em vista esse traço biográfico, nossa leitura visa uma comparação entre o que diz a escritora sobre si no livro e o que a crítica tem mostrado. Como aporte teórico de nossa leitura, vamos privilegiar o que Edgar César Nolasco disse, principalmente nos livros *Restos de Ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector* e *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; *Água Viva*; Autoficção;

**Abstract:** The *Água Viva* book, which was written by Clarice Lispector, may be read as a autofiction, in so far as she inserts traces of her personal circumstances on its construction. In view of this biography trace, our reading aims a comparison between what the writer says about herself on this book and what the review shows. As a theoretical base of our reading, we are going to give preference in what Edgar César Nolasco said about her, mainly on books *Restos de Ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector* and *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*.

**Keywords:** Clarice Lispector; *Água Viva*; Autofiction

---

<sup>1</sup> Graduanda do 4º ano do curso de Letras no DLE/CCHS-UFMS. É bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Desenvolve pesquisa sobre a obra literária da escritora Clarice Lispector. Membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS

<sup>2</sup> Professor da graduação e da Pós-Graduação em Letras no DLE/CCHS, do PPG-Mel – DLE/CCHS e do PML – CPTL na UFMS. Coordenador do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS. Orientador das pesquisas.

Quem diz que me entende nunca quis saber (...)  
Clarisse está trancada no seu quarto  
Com seus discos e seus livros, seu cansaço  
Eu sou um pássaro  
Me trancam na gaiola  
E esperam que eu cante como antes  
Eu sou um pássaro  
Me trancam na gaiola  
Mas um dia eu consigo existir e vou voar  
pelo caminho mais bonito  
(Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá.  
Clarisse. In. *Uma outra estação*, 1997, faixa 5.)

Em um sopro de vida a menina Haia nasce em 20 de dezembro de 1920. Em 1921, chega a Maceió, capital de Alagoas, para, em 1943, ganhar o Brasil com sua primeira obra publicada, *Perto coração selvagem*, e aos poucos conquistar o mundo como a reconhecida Clarice Lispector<sup>3</sup>. Porém, é em 1973, com a sua produção escritural acontecendo de maneira contínua, que Lispector escreve *Água viva*, um livro que pode ser lido como uma autoficção, na medida em que ela insere traços de suas circunstâncias pessoais e de vida em sua obra. No livro intitulado *Escrita de si, escrita do outro*, Diana Klinger define a autoficção:

A auto-ficção é uma máquina produtora de mitos do escritor, que funciona tanto nas passagens em que se relatam vivências do narrador quanto naqueles momentos da narrativa em que o autor introduz no relato uma referência a própria escrita, ou seja, a pergunta pelo lugar da fala (O que é ser escritor? Como é o processo da escrita? Quem diz eu?). (KLINGER, 2007. p. 51)

---

<sup>3</sup> Datas e dados retirados da cronologia da vida da escritora Clarice Lispector do site feito em homenagem a escritora Clarice Lispector pela editora que publica suas obras até o presente momento, Editora ROCCO. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/Default.aspx> - acessado em: 30 de abril de 2010.

E é essa máquina produtora de certos mitos da escritora Clarice Lispector intitulada de *Água viva*, que, antes mesmo de sê-lo, era outro, o livro *Objeto Gritante* (1970) uma obra com maior número de páginas. Nesse momento, talvez, quem melhor entendera a proposta estética da escritora, e que sua produção depois de então só viria a confirmar, tenha sido o amigo e filósofo José Américo Pessanha, que recebera os datiloscritos do ainda *Objeto gritante*. Em carta à amiga, de 5 de março de 1972, Pessanha diz e sugere: “tentei situar o livro: anotações? pensamentos? trechos autobiográficos? uma espécie de diário (retrato de uma escritora em seu cotidiano)? No final achei que é tudo isso ao mesmo tempo” (apud Gotlib, 1995, p. 404).

E a escrita de Clarice Lispector posterior a essa carta de Pessanha, realmente confirmou as conjecturas do amigo sobre o livro, pois mais tarde Clarice modifica seu livro por crer que ele é demasiado autobiográfico, assim como nos afirma Maria das Graças Andrade em sua tese intitulada *Da escrita de si à escrita fora de si* (2007). Essas mudanças podem ser lidas como uma tentativa de abandonar a parte biográfica que se instaura em *Objeto Gritante*. Esse ato faz com que a escritora traia sua obra primeira, reduzindo consideravelmente seu livro, porém sua obra escapa à completa traição ao insistir em traçar a autobiografia da escritora: “Quero captar o meu é. E canto aleluia para o ar como faz o pássaro. E meu canto não é de ninguém.” (LISPECTOR, 1973, p. 8).

Mesmo após todas as alterações tão significativas que a escritora Clarice Lispector faz em sua obra *Água Viva*, o livro não perde o traço de autobiografia como podemos nos embasar pela leitura de estudos sobre a obra:

Uma escrita autoficcional é sempre uma escrita de si, que nunca deixa de ser já uma escrita do outro, mas que, talvez por isso mesmo, faz retornar sempre aquele sujeito em si, mesmo que de per si. Ou seja, uma escrita de si aponta para o sujeito de dentro e de fora da escrita, não privilegiando, nunca, só o de dentro ou só o de fora. Pensando

nisso, é como se dissessemos que a Clarice da escrita do datiloscrito Objeto Gritante que, para Andrade, é uma escrita de si (posto que autobiográfica pessoal íntima), suplementa a Clarice da escrita de Água viva (e vice-versa), que, segundo Andrade, é uma escrita fora de si (exterior, impessoal, ex-tima). (BESSA-OLIVEIRA, 2009. p. 2)

E essa permanência da leitura da obra *Água viva*, como sendo autobiográfica dá-se pelo fato de que podemos definir a autobiografia como:

(...) um espaço discursivo no qual se sobrepõem, a um só tempo, recordação e invenção, documento da memória e obra de criação, permitindo uma 'dupla leitura' que não é a alternativa entre estas duplas características – 'documento da memória' ou 'obra criativa' – mas é sim a própria somatória das duas. (VERSIANI, 2005. p. 41-42)

### As mil e uma Clarices

"Ah persona, como não te usar e enfim ser!"  
(LISPECTOR, 1984. p. 213)

Pode-se notar que no meio acadêmico as obras de Clarice Lispector são estudada com afinco, pois eventos e comunicações a respeito da escritora normalmente atraem um número significativo de interessados. Talvez por sua "timidez feminina" e "arrojo intelectual ousado", como a define Edgar Cézar Nolasco, em seu livro *Espectros de Clarice*, a intelectual seja tão estudada. Com tantos interessados em pesquisar, escrever, descrever e ouvir sobre as suas obras, a escritora Clarice Lispector vai aos poucos se tornando uma persona um tanto quanto subjetiva, pois cada um acaba lendo a sua Clarice. Podemos dizer que até mesmo Clarice Lispector elaborou sua própria persona ficcional. Nolasco complementa essa ideia ao falar da importância de Clarice e de sua fortuna crítica, mesmo depois de duas décadas de seu falecimento:

Mesmo passado 20 anos de sua morte, podemos dizer que Clarice continua mais viva do que nunca. Quer seja através de seus escritos, que nada mais são que sua extensa biografia; quer seja através dos

inúmeros trabalhos (ensaios, dissertações, teses ou livros) a respeito de sua obra. Trabalhos esses que, de certa forma, dão continuidade à produção da autora que, infelizmente, foi interrompida de forma abrupta (...) (NOLASCO, 1998, p. 115)

É essa contínua escrita e estudos sobre a criação escritural de Clarice Lispector que a mantêm viva no meio literário e que torna a leitura de sua obra cada vez mais ampla. Cada teórico tem seu modo de ler e definir os livros de Lispector, mesmo que às vezes de forma parecida, cada um constrói uma imagem, um mito das “Mil e uma Clarices que se insinuam nas frestas da vida e da ficção” (NOLASCO, 2008. p. 10). A própria Clarice Lispector construiu seu mito de si fazendo a sua leitura de Clarice. Assim, veremos se lermos o livro *Água Viva*, como aqui defendemos, como uma autobiografia, uma escrita de si. Sendo assim, a obra se torna interstícios a diversas análises e leituras (entende-se que a diversas e não a qualquer leitura), fazendo com que muitos teóricos busquem esmiuçar a obra da escritora, assim como, Anderson Matos<sup>4</sup>:

*Água Viva* é realmente capaz de chocar o leitor, não apenas pelo uso da linguagem e pela falta de uma história, mas também por tratar de diversos temas com profunda sinceridade. (...) de forma que não é possível ler *Água viva* e ficar indiferente. (MATOS, 2009. p. 306)

Edgar Cézár Nolasco novamente deixa sua contribuição e completa a escrita de Matos em seu texto “*Roland Barthes lê Clarice Lispector: Água viva – uma galáxia de significantes*”, ao definir a obra como sendo:

*Água Viva*, texto “sem tema e sem personagem” será, desse modo, uma síntese reflexiva de todos os demais escritos anteriores da autora, dialogando com eles, além, é claro, de problematizar ao extremo a questão da própria escritura. Desse modo, pode-se dizer que o

<sup>4</sup> Mestre em PPG-Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS. Título: O Sensacionalismo de Fernando Pessoa em *Água Viva* de Clarice Lispector.

texto *Água Viva* é um “aproveitamento”, ou melhor, uma “reescrita infinita” de muitos “fragmentos textuais” escritos que a autora veio problematizar por toda a sua prática escritural (mesmo nas obras posteriores a *Água Viva*). (NOLASCO, 1995. p. 61)

E é nesse livro tão problematizado por diversos teóricos que podemos encontrar uma pintora tentando escrever: “Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e as minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora necessito de palavras.” (LISPECTOR, 1943, p. 9); e em sua vida pessoal uma escritora que se lança ao “hobby” de pintar. Para, por fim, ser a escritora/pintora de um livro/quadro abstrato, o *Água viva*, como afirma José Castello: “Ciente do abismo em que se meteu, Clarice usou a expressão ‘literatura abstrata’ quando falou, um dia, de *Água viva*.” (CASTELLO, p. 1). Desse mesmo modo Ricardo Iannace, define a obra da escritora afirmando que a escrita de Lispector “abre para comparações estreitando o literário às artes plásticas – uma pintura abstrata, nesse caso.” (IANNACE, 2009. p. 52)

Partindo desse pressuposto, podemos ler uma Clarice, além de tudo, pintora, como afirma Marcos Bessa-Oliveira:

Para falar da carreira profissional/ intelectual de Clarice Lispector não podemos deixar de mencionar uma fase da escritora, que fora os dez últimos anos de sua produção, e sem contar que justo tal produção, além de ser uma produção atravessada, de certo modo, pelo período ditatorial no Brasil, foi também neste final de produção que a escritora fez uso da pintura como forma de expressão. (BESSA-OLIVEIRA, 2007, p. 76)

Se, por um lado, Clarice Lispector chega ao ponto de vivenciar as experiências de vida de seus personagens como a vivência de pintora/ escritora e escritora/ pintora, por outro, a escritora cria personagens que são reflexos destorcidos dela mesma. No livro *Restos de ficção*, Nolasco narra que Clarice, na véspera de sua morte, internada no hospital, tenta fugir de seus aposentos, porém é impedida por uma enfermeira;

transtornada Clarice diz: “você matou meu personagem” (GOTLIB *apud* NOLASCO, 2004, p. 22). Nolasco termina por embasar o que foi explicitado ao afirmar que “Vida e ficção. Talvez como forma de não morrer, Clarice se vê como personagem de si mesma e ficcionaliza a morte até mesmo nos *restos de vida*” (NOLASCO, 2004, p. 22).

Essa Clarice também é personagem, como nos explicita José Castello, que, ao escrever sobre a possível influência da autora na literatura contemporânea brasileira, a trata como uma Clarice personagem de si mesma: “Clarice Lispector, quem sabe, é só um personagem criado por Clarice Lispector. Uma hipótese assustadora, que exacerba mais ainda sua solidão” (CASTELLO, *sd*, p. 2). Para Castello, esse sentido de solidão vem do fato de Clarice ser uma escritora única, que abdicava de seu lugar de conforto como uma escritora por profissão ou por vaidade, pois a autora está além da literatura se pensar que seus livros, por muitas vezes, extrapolam o próprio romance, sendo escritos com desconfiança e desinteresse pelo cânone literário. Por isso, Castello afirma que:

Qualquer tentativa de descender dessa Clarice radical, que se coloca, e escreve, desde um lugar que escritor algum ousou pisar, corre o risco, sempre, de se converter em uma encenação deplorável. No máximo, uma imitação mais ou menos bem sucedida, e mais nada. (CASTELLO, *sd*, p. 2)

Em meio a essa multidão de Clarices, ainda podemos encontrar a Clarice contrabandista. Uma escritora que copiava partes, às vezes inteiras, de outras obras e outros escritores. Ao fazer suas crônicas para o jornal, por vezes a escritora, em vez de escrever novas crônicas, apenas copiava partes de sua própria obra. O livro *Água viva* também é um dos fragmentos de escritas anteriores de Clarice Lispector, como afirma Edgar Nolasco:

Clarice juntou “fragmentos” na construção da escritura do livro, abrindo a possibilidade para que o leitor venha e dê um sentido a esse “original” (texto resultante) sem sentido aparente. (NOLASCO, 2001, p. 197)

O contrabando não dissimulado por Clarice na construção do livro - em que ela traz textos seus de outros lugares para dentro desse, além de retirar outros (ou os mesmos trazidos) por excesso - nos permite dizer que o texto que chegou até o leitor não tem "origem". (NOLASCO, 2001, p. 197)

Um fragmento de escrita que não deixa de ser completo em sua totalidade e muito respeitado desde a época de sua criação. Outra leitura que podemos fazer de Clarice Lispector e de sua obra, pode ser encontrado no site feito em homenagem a escritora pela editora ROCCO, que traz alguns de seus rascunhos, cartas, artigos e testemunhos sobre Clarice. O trecho a seguir é uma carta de seu amigo Alberto Dines, enviada em 20/07/1973 para a escritora, descrevendo, de forma belíssima e até um tanto encantado, sobre o livro *Água viva*:

É menos um livro-carta e, muito mais, um livro música. Acho que você escreveu uma sinfonia. É o mesmo uso do tema principal desdobrando-se, escorrendo até se transformar em novos temas que, por sua vez, vão variando, etc. etc. (DINES, 1973, p. 1)

(...) E aí acho que posso responder à sua pergunta fundamental: o livro está terminado? Está. Definitivamente. Mas na mesma medida em que um movimento de uma sinfonia se contém em si mesmo. Ou, na mesma medida em que uma sinfonia de Beethoven ou do próprio Mahler dispensam as outras. O seu *Água viva*, assim como os movimentos e as sinfonias "funcionam" individualmente, tem sua vida própria. (DINES, 1973, p. 1)

Percebemos que mesmo a Clarice pessoal, a Clarice amiga, é admirada por quem a cerca. Ela nunca deixa de ser uma artista, sendo como escritora ou pintora, é acima de tudo uma Clarice viva e produtora de grandes obras artísticas. Luís Fernando Veríssimo, em um artigo/ testemunho, para o mesmo *site* mencionado anteriormente, narra sua primeira impressão de quando ainda jovem conheceu a pessoa Clarice, isso antes mesmo de conhecer a escritora Clarice Lispector, já que ela era amiga íntima de seus pais:



(...) a minha primeira impressão da Clarice foi a de todo mundo: fascinação. Com a sua beleza eslava, os olhos meio asiáticos, o erre carregado que dava um mistério especial à sua fala, e ao mesmo tempo com seu humor, e seu jeito de garotona ainda desacostumada com o tamanho do próprio corpo. O fato de que aquela Clarice era a Clarice Lispector não me dizia muito. Eu sabia que era uma escritora meio complicada, nunca tinha lido nada dela. (VERISSIMO, 2005. p. 1)

Seja a Clarisse da música de Renato Russo, personalidade da musica brasileira que nunca confirmou ter lido Clarice Lispector, ou a Clarice dos amigos que conviveram com a escritora ou, ainda, a pintora/ escritora e escritora/ pintora de *Água Viva*. Clarice Lispector, assim como seu livro *Água Viva*, não é um hieróglifo a ser decifrado de forma única e plenamente verdadeira, a própria escritora ratifica ao escrever na obra *Água Viva* que: “Estou te falando em abstrato(...). Por que não abordo um tema que facilmente poderia descobrir?” (LISPECTOR, 1943, p. 57). Mas um fato é de uma verdade intrincada de se contestar: a escritora se marcou na sua escritura, escritura essa que, por sua vez, marcou teóricos, críticos e leitores que até os dias de hoje lêem e estudam com afinco as obras da escritora brasileira fazendo surgir, de uma a uma, as mil Clarices.

### Referências

ANDRADE, Maria das Graças Fonseca Andrade. *Da escrita de si à escrita fora de si: uma leitura de Objeto gritante e Água viva de Clarice Lispector*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação – Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

CASTELLO, José. *Clarice no deserto*. In: Baú – Cartas e depoimentos. Disponível em: [http://www.claricelispector.com.br/artigos\\_joseCastelo.aspx](http://www.claricelispector.com.br/artigos_joseCastelo.aspx).

DINES, Alberto. *Carta de Alberto Dines*. In: *Correspondências*. Rocco, 2002. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/cartasemanuscritos.aspx>.

IANNACE, Ricardo. *Retratos em Clarice Lispector: Literatura, pintura e fotografia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*: ficção. Rio de Janeiro: Editora Artenova S. A., 1973.
- \_\_\_\_\_. *A hora da estrela*. São Paulo: Editora Record, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MATOS, Anderson Hakenhoar. "Romance sem romance": o caso de *Água Viva* de Clarice Lispector. In.: Revista Letrônica. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5103/4047>.
- NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector e o mal-estar da literatura*. In.: Revista em tese. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Em%20Tese%2002/Edgar%20C%C3%A9zar%20Nolasco.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2002/Edgar%20C%C3%A9zar%20Nolasco.pdf).
- NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.
- NOLASCO, Edgar César. (Org.) *Espectros de Lispector: uma homenagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.
- NOLASCO, Edgar César. *Roland Barthes lê Clarice Lispector: Água viva - uma galáxia de significantes*. Revista Científica da UFMS. UFMS/Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 61-64, 1994
- OLIVEIRA-BESSA, Marcos Antonio. *Água viva: uma autoficção de Clarice Lispector*. (artigo inédito apresentado na comunicação durante a Semana de Letras da UNIDERP, realizada entre 26 a 30 de out. de 2009).
- OLIVEIRA-BESSA, Marcos Antonio. *Clarice Lispector Escritora/ Pintora: uma história artística em movimento na década de 70*. In: Revista Ângulo. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/160/137>.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- VERÍSSIMO. Luis Fernando. *Clarice*. In: Baú – Cartas e depoimentos. Disponível em: [http://www.claricelispector.com.br/artigos\\_LuisFernandoVerissimo.aspx](http://www.claricelispector.com.br/artigos_LuisFernandoVerissimo.aspx).
- VERSANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.